

O ENFERMEIRO NA PRÁTICA ASSISTENCIAL DE PREVENÇÃO DA INFECÇÃO HOSPITALAR

THE NURSE IN THE CARE PRACTICE OF PREVENTING HOSPITAL INFECTIONS

CRUZ, Fernanda de Araujo da¹

ADAMCZUK, Clodoaldo²

RESUMO: As Infecções Hospitalares (IH), são definidas como aquelas adquiridas pelo paciente durante sua internação, são consideradas importantes causas de morbidade e mortalidade em todo o país. As IH exigem um olhar mais ampliado dos profissionais de saúde, sobretudo dos enfermeiros, sendo esse o profissional de maior contato com o paciente, exercendo uma assistência direta através da realização dos procedimentos invasivos, a frente gerindo a equipe de enfermagem ou participando da comissão de controle de Infecção Hospitalar (CCIH). O presente estudo objetiva-se analisar a atuação do enfermeiro na prática assistencial de prevenção de Infecção Hospitalar, descrever os conceitos das mesmas, abordar medidas que devem serem utilizadas na prevenção e controle, além de compreender os fatores que dificultam a efetivação de medidas preventivas. A metodologia utilizada compreendeu-se em uma pesquisa de natureza básica, de abordagem qualitativa, com caráter exploratório, através do método hipotético-dedutivo, a partir de uma revisão bibliográfica de artigos científicos que referencia a importância da atuação do enfermeiro na prevenção de Infecção Hospitalar. Com isso, espera-se que o resultado dessa pesquisa contribua para a prevenção e controle das Infecções Hospitalares, garantindo maior segurança ao paciente e seus familiares, e aos profissionais envolvidos na assistência prestada. Conclui-se que o enfermeiro tem um papel importante frente as ações de prevenção e controle das Infecções Hospitalares, onde sua atuação abrange desde a implementação dos protocolos até a educação continuada, dessa forma sua contribuição é essencial, garantindo a segurança do paciente, melhorando os desfechos clínicos e criando um ambiente de cuidado mais seguro e eficiente. No entanto, para que essa prevenção ocorra é necessário um trabalho em conjunto com a instituição hospitalar, (CCIH), equipe multidisciplinar e a colaboração dos familiares para adesão de normas e protocolos.

PALAVRAS-CHAVE: Assistência. Enfermagem. Infecção Hospitalar. Enfermeiro.

¹ Acadêmica do curso de Bacharelado em Enfermagem pela Faculdade de Direito de Alta Floresta (FADAF);

Contato: fernanda91.af@gmail.com

² Professor e Orientador Doutorando em Educação – Faculdade de Direito de Alta Floresta (FADAF);

Contato: professorclodoaldo20@gmail.com

ABSTRACT: Hospital infections (HI), defined as those acquired by the patient during hospitalization, are considered an important cause of morbidity and mortality throughout the country. HI require a broader view of health professionals, especially nurses, who are the professionals with the greatest contact with the patient, providing direct assistance through the performance of invasive procedures, managing the nursing team or participating in the hospital infection control committee (HICC). The resent study aims to analyze the performance of nurses in the care practice of preventing hospital infections, describe the concepts of hospital infections, address measures that should be used in prevention and control, and understand the factors that hinder the implementation of preventive measures. The methodology used was a basic research, with a qualitative approach, with an exploratory character, through the hypothetical-deductive method, based on a bibliographic review of scientific articles that reference the importance of the nurse's performance in the prevention of hospital infections. It is expected that the results of this research will contribute to the prevention and control of hospital infections, ensuring greater safety for patients and their families and for professionals involved in the care provided. It is concluded that nurses have an important role in the prevention and control of hospital infections, where their role ranges from the implementation of protocols to continuing education. Therefore, their contribution is essential in ensuring patient safety, improving clinical outcomes and creating a safer and more efficient care environment. However, it is necessary to note that for this prevention to occur, it is necessary to work together with the hospital institution (CCIH), a multidisciplinary team and the collaboration of family members to adhere to standards and protocols.

Keywords: Assistance. Nursing. Hospital Infection. Nurse.

1 1 INTRODUÇÃO

As Infecções Hospitalares são aquelas adquiridas pelo paciente no ambiente hospitalar, são consideradas um grave problema de saúde pública, onde o maior prejudicado é o paciente, elas são responsáveis pelos altos índices de morbidade e mortalidade hospitalar em todo o mundo. O combate das infecções hospitalares gera alto custo para os hospitais e cofres públicos, visto que para seu tratamento o paciente necessita de um período maior de internação, uso de antibióticos específicos e de alto custo (Alves., *et al*, 2007).

A prevenção das infecções hospitalares e a atuação do enfermeiro vem sendo um assunto muito abordado nos últimos anos, porém é uma medida utilizada há muito tempo, desde a época de Florence Nightingale, uma enfermeira considerada fundadora da enfermagem moderna em todo o mundo, que se destacou na guerra cuidando de soldados feridos. Durante sua atuação identificou que as más condições higiênicas contribuíam para a mortes dos internos, adotou medidas de cuidado e higiene, conseguindo diminuir os altos índices de mortalidade, o que rendeu a ela reconhecimento internacional.

É necessário destacar, que o enfermeiro desempenha um importante papel na prevenção dessas infecções, pois é ele quem está envolvido direta ou indiretamente na assistência prestada, no direcionamento dos cuidados ao paciente, na identificação de possíveis focos de infecções e disseminações, nas implementações de protocolos e diretrizes, além de promover educação continuada para a equipe, no entanto, nota-se uma falha no processo de prevenção e conscientização, já que os índices de contaminações ainda continuam altos.

Assim, este trabalho teve como objetivo analisar a atuação do enfermeiro na prevenção e controle de Infecção Hospitalar, de forma mais específica, buscou-se descrever conceitos das infecções hospitalares, abordar medidas de prevenção da infecção hospitalar e compreender os fatores que dificultam a efetivação de medidas de prevenção das mesmas nas unidades de internação.

2 METODOLOGIA

A pesquisa desenvolveu-se de forma bibliográfica, que é um estudo realizado através do levantamento e análise de informações já publicadas em livros, artigos, revistas ou em outras fontes bibliográficas para embasamento de um estudo ou pesquisa (Gil, 2002). As características de uma pesquisa bibliográfica são fontes confiáveis e concretas que fundamentam a pesquisa que será realizada (Souza; Oliveira; Alves, 2021).

A metodologia foi classificada como básica, tem como objetivo gerar novo conhecimento para o avanço da ciência, busca gerar verdades, ainda que temporárias e relativas, com interesses mais amplos (Gil, 2008).

O estudo baseou-se no método hipotético-dedutivo, que é uma poderosa ferramenta onde as teorias são testadas e descartadas tudo o que não for verdadeiro dentre as possibilidades levantadas, através de hipóteses alternativas e falseáveis (Rodrigues, 2011).

Utilizou-se a abordagem de pesquisa qualitativa, que serve para investigar um determinado problema de pesquisa, cujos procedimentos estatísticos não podem ser alcançados devido à complexidade do problema com opiniões, comportamentos, atitudes dos indivíduos ou grupos (Rodrigues, 2011).

Quanto aos objetivos da pesquisa, deu-se de modo exploratório, que é um tipo de investigação que busca familiarizar-se com o tema, muitas vezes sem a intenção de fornecer

respostas definitivas, busca ajudar a identificar variáveis relevantes e a formular hipóteses para pesquisas futuras (Gil, 2002).

Para elaboração da pesquisa utilizou-se um levantamento bibliográfico abrangendo livros e artigos publicados em dissertações, monografias e teses disponíveis nas plataformas online como SciELO, Google Acadêmico, Lilacs e revistas acadêmicas relevantes publicadas entre os períodos de 2000 a 2024, também se deu valor a publicações mais antigas, como leis e portarias disponíveis através do portal do Ministério da Saúde. Tendo como palavras-chave: “enfermeiro na prática de prevenção”, “prevenção na assistência” e “infecção hospitalar”.

2 3 HISTÓRIA DA ENFERMAGEM NA PREVENÇÃO E CONTROLE DE INFECÇÃO HOSPITALAR

A história da medicina revela que a Infecção Hospitalar é tão antiga quanto a origem dos hospitais. A primeira evidência da existência de um hospital remonta a 325, quando os bispos reunidos no Concílio de Nicéia foram instruídos a construir hospitais próximos as catedrais. Durante séculos, não existiam classificação quanto ao potencial de contaminação, todos pacientes dividiam o mesmo ambiente, os pacientes em recuperação conviviam no mesmo espaço que os terminais infectados, as doenças infecciosas disseminavam-se com grande rapidez entre todos os internados (Serrano, 2018).

Na década de 1970, as medidas de controle de infecções foram seriamente reestruturadas. Os hospitais americanos foram adotando gradativamente as recomendações dos órgãos oficiais, substituíram os métodos passivos pela busca ativa, estabeleceram centros de controle de infecção e se engajaram em pesquisas mais resolutivas sobre o assunto. No Brasil, o primeiro comitê de controle de infecções hospitalares foi lançado com a introdução de modelo altamente tecnológico de atendimento que foram as cirurgias cardíacas (Silva *et al.*, 2015).

Já na década de 80, diversas medidas para controlar e reduzir os índices de infecções hospitalares começaram a ser desenvolvidas no Brasil. A conscientização sobre esta questão passou a ser debatida entre os profissionais, devido a criação das Comissões de Controle de Infecções Hospitalares (CCIH) em vários Estados do país. Em junho de 1883, o Ministério da Saúde (MS) publicou a Portaria de número 196, primeiro documento normativo oficial. Em 1992 foi promulgado a norma 930 que preconizava busca ativa de casos de infecção hospitalar.

Em 1997 aprovou a Lei de número 9431, determinando a presença da CCIH e do Programa de controle de infecção hospitalar independentemente do tamanho ou estrutura do hospital (Silva e Santos 2014).

A importância da enfermagem no controle de infecções surgiu através de Florence Nightingale, que por meio de suas ações junto aos hospitais de campanha na guerra da Criméia, reduziu drasticamente a mortalidade dos soldados feridos. Ação que revolucionou a forma como os cuidados são prestados, utilizando medidas de higiene e gestão ambiental para restaurar a saúde através da limpeza, iluminação, ventilação, temperatura, atenção, odores e ruídos, nutrição e repouso, priorizando o isolamento, individualização do cuidado, redução dos números de pacientes e leitos por enfermaria, com o objetivo de reduzir as contaminações cruzadas e as condições desfavoráveis aos doentes (Martins, 2018). A teoria ambientalista desenvolvida por Florence Nightingale, centra-se principalmente no ambiente em que todas as condições externas influenciam a vida e o desenvolvimento do organismo, capazes de prevenir, suprimir ou contribuir para doença e morte (Cardoso *et al.*, 2022).

Atualmente, além de prestar atendimento direto ao paciente, o enfermeiro também pode atuar nas Comissões de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH), sua atuação é de grande importância, pois estes têm a responsabilidade em suas ações em atentar não só diretamente ao paciente, mas também a outros profissionais de outras áreas, tendo que averiguar as corretas ações exercidas por estes. As suas ações são dependentes e relacionadas, pois estes fiscalizam todos os setores, o desenvolvimento do trabalho dos demais profissionais da saúde, elabora e atualiza os procedimentos padrões, realiza vigilância epidemiológica, dentre outras funções (Ferreira, 2021).

4 INFECÇÃO HOSPITALAR

As Infecções Hospitalares são consideradas uma ameaça à segurança dos pacientes hospitalizados, bem como aos profissionais e demais frequentadores do ambiente hospitalar, que podem ter fatores de risco para manifestações das infecções hospitalares (Andrade, *et al.*, 2021). A Infecção Hospitalar (IH), surgiu praticamente junto com os primeiros hospitais no século XVII e XIV, onde as condições de higiene eram precárias, a população provida de recursos financeiros realizavam seus tratamentos em seu próprio domicílio. O hospital não era um local para o doente se curar, e sim um local de assistência aos pobres com condições precárias, onde começou a surgir a ocorrência das infecções hospitalares, as pessoas enfermas internadas passavam a desenvolver outras doenças em decorrência da hospitalização (Cardoso *et al.*, 2022).

De acordo com a portaria nº 2616/98 do Ministério da Saúde a Infecção Hospitalar

(IH), é aquela que:

Adquirida após a admissão do paciente no ambiente hospitalar e que se manifesta durante a internação ou após a alta, quando se desconhecer o período de incubação do microrganismo e não houver evidência clínica e/ou laboratorial de infecção no momento da internação, convencionando-se infecção hospitalar toda manifestação clínica de infecção que se apresentar a partir de 72 (setenta e duas) horas após a admissão; são também convencionadas infecções hospitalares aquelas manifestadas antes de 72 (setenta e duas) horas da internação, quando associados a procedimentos diagnósticos e/ou terapêuticos, realizados durante este período (Brasil 1998).

A maioria das infecções hospitalares ocorre devido a um desequilíbrio entre a microbiota humana normal e os mecanismos de defesa do hospedeiro, podendo ter origem devido a própria patologia do paciente, a procedimentos invasivos e alterações da população microbiana que geralmente é induzida pelo uso de antibióticos (Andrade *et al.*, 2021).

Apesar dos avanços na tecnologia, da produção de melhores antibióticos e das técnicas de tratamento estabelecidas, as infecções hospitalares continuam sendo uma causa significativa de mortalidade e morbidade em todo o mundo, o que levou ao surgimento de bactérias multirresistentes (MR), a introdução de novos microrganismos e o desafio da resistência bacteriana enfraqueceu o ecossistema da saúde (Rêgo *et al.*, 2023).

Em alguns países em desenvolvimento, o risco de infecção associada aos cuidados de saúde é de 20 vezes maior do que em países desenvolvidos, representando um grave problema de saúde pública, 1 a cada 10 pacientes prejudicado ao receber tratamento hospitalar (Ferreira, 2021).

A alta incidência de infecção hospitalar (IH) é umas das maiores preocupações na área da saúde e atualmente atinge grandes proporções em escala mundial, considerando-se uma questão de saúde pública. As infecções ocorrem em média, entre 5 a 17% dos pacientes internados, o que aumenta em média 15 dias de internação hospitalar e pode evoluir óbito (Almeida *et al.*, 2024, p.41)

De acordo com os dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), do ano de 2008, cerca de 234 milhões de pacientes no mundo são submetidos a algum tipo de cirurgia a cada ano. Destes, um milhão de pessoas morrem em decorrência das infecções hospitalares, e 7 milhões apresentam complicações no pós-operatório. No Brasil, nos últimos anos, grandes eventos e as sociedades especialistas da área relacionada a infecções hospitalar (IR), vem abordando novas práticas, tanto para o controle e prevenção, quanto para avaliação e acreditação (Ferreira, 2021). A seguir será aborda as infecções mais frequentes dentro do ambiente hospitalar e as medidas preventivas específicas de cada uma, que são: as infecções do

trato urinário, pneumonia associada a ventilação mecânica, infecção do sítio cirúrgico e infecção do cateter periférico e cateter venoso central.

4.1 Infecção no Trato Urinário

A infecção no trato urinário também chamada de (ITU), é uma das infecções mais frequentes dentro do ambiente hospitalar. Caracteriza-se pela invasão de micro-organismo na via urinária, a maioria das (ITU), hospitalar ocorre após cateterização do trato urinário. O sexo feminino é o mais vulnerável, 50% das mulheres adultas podem apresentar um episódio de infecção durante a vida, esse fato é atribuído devido a menor extensão anatômica da uretra feminina e à maior proximidade entre a vagina e o ânus (Barbosa, 2018).

4.1.1 Prevenção Para o Trato Urinário

As principais práticas de prevenção e controle para a (ITU), deve ser lavagem correta das mãos, realização de procedimento de passagem de cateter vesical de forma asséptica, manter o sistema fechado da drenagem de urina, posicionar a sonda e bolsa de forma adequada, atentar-se para o volume urinário e administração de antibioticoterapia conforme prescrição médica (Santana; Silva, 2020).

4.2 Pneumonia Associada a Ventilação Mecânica

Para Barbosa (2018), a pneumonia é a principal causa de infecção nosocomial em UTIs, advindo, em mais de 90% dos casos, em pacientes submetidos à intubação endotraqueal e ventilação mecânica. Devido a sua relevância clínica e seu perfil epidemiológico, a pneumonia associada à ventilação mecânica é estudada e pesquisada como uma entidade clínica distinta dentro das pneumonias nosocomiais, representando um dos principais desafios enfrentados pelos profissionais de saúde e unidades hospitalares.

4.2.1 Prevenção da Ventilação Mecânica

Como afirmam Souza et al., (2021, p. 2) “Medidas de precaução e cuidados para evitar a pneumonia associada a ventilação mecânica (PAV) têm sido um desafio para os serviços de saúde, em especial na UTI. O foco é pensar em estratégias de prevenção, controle e por fim redução de suas taxas de incidências”.

É necessária a adesão de boas práticas assistências que devem ser aplicadas no dia a dia, como por exemplo manter o paciente em posição de Fowler, realizar higiene bucal com antissépticos, manter atenção ao uso prolongado de antibióticos, sugerir a preferência pela ventilação mecânica não invasiva, inspecionar e realizar higienização dos circuitos do sistema de aspiração, umidificadores e ventiladores, e sempre observar o posicionamento da sonda (Santana; Silva, 2020).

4.3 Infecção no Sítio Cirúrgico

A infecção do sítio cirúrgico é o processo pelo qual o microrganismo invade a incisão cirúrgica, colonizam e se multiplicam. A infecção da ferida operatória é uma das complicações cirúrgicas mais presentes, e é responsável por alta taxa de morbidade e mortalidade, em consequência disso, há o aumento dos gastos médico-hospitalares. O tratamento das infecções no sítio cirúrgico ainda representa um desafio na saúde pública, os avanços alcançados até o momento propiciaram novas opções de tratamento que diminuíram a morbidade e mortalidade de infecções graves, em contrapartida, o número de pacientes resistentes aos antimicrobianos tem aumentado consideravelmente (Barbosa, 2018).

4.3.1 Prevenção do Sítio Cirúrgico

As medidas gerais para a prevenção de infecção no sítio cirúrgico inclui a profilaxia antimicrobiana pré-operatória, preparo do paciente, evitar a tricotomia (se necessária atentar-se para não lesionar o local), realizar controle da glicose e temperatura corporal, hospitalização de curta permanência se possível, controle de infecção no ambiente hospitalar, esterilização conforme protocolo dos materiais cirúrgicos, lavagem correta das mãos, realizar higienização e curativo local, instruir pacientes e acompanhantes sobre os cuidados a serem seguidos (Santana; Silva, 2020).

4.4 Infecção de Cateter Periférico e Cateter Venoso Central

As infecções na corrente sanguínea relacionados aos cateteres venosos são uma grande causa de morbimortalidade, e quando esses dispositivos são instalados na Unidade de Terapia Intensiva (UTI), podem causar infecções ainda mais graves, onde sua incidência é mais elevada, devido ao maior tempo de permanência do dispositivo no paciente, maior colonização com a flora hospitalar e maior manuseio. A grande maioria dos acessos venosos são feitos através da inserção periférica, cujos riscos de infecção da corrente sanguínea são considerados baixos, porém, o uso desse tipo de cateter é grande, o que torna o índice elevado de infecção, mas com baixa gravidade. Já as infecções da corrente sanguínea associados ao acesso venoso central é uma das mais graves complicações, o que prolonga o tempo de internação, risco alto do paciente vir a óbito além de aumentar os custos da assistência hospitalar (Oliveira *et al.*, 2021).

4.4.1 Prevenção da Corrente Sanguínea

Segundo Oliveira *et al* (2021), uma das principais ações que devem ser abordadas no controle dessas infecções está relacionada as notificações reais, é necessário que os órgãos fiscalizadores, gestores e profissionais de saúde busque em conjunto, identificar e monitorar com eficácia o avanço desses microrganismos.

Além disso, é necessário adotar medidas preventivas que garantem a prevenção e o controle que é a lavagem correta das mãos, realizar a introdução do dispositivo de forma asséptica, realizar antisepsia do curativo e assepsia da pele, monitorar diariamente a qualidade do acesso em seu sítio, desinfecção dos dispositivos, proteger o cateter durante o banho, observar validade e tempo de permanência (Santana; Silva, 2020).

5 FATORES DE RISCO E CONSEQUÊNCIA DA INFECÇÃO HOSPITALAR

Segundo Santos (2022), em todo momento estamos expostos a algum tipo de agente biológico, podendo causar alguma enfermidade ou lesão, e consequentemente, a busca de necessidade de auxílio médico é inevitável. No entanto, os pacientes acabam sendo expostos a inúmeras quantidades de bactérias e vírus, esta exposição acumulada com a baixa imunidade

vinculada aos aspectos endógenos e exógenos dos pacientes que são submetidos a procedimentos hospitalares, como por exemplo os procedimentos cirúrgicos, visto que uma infecção é uma complicaçāo inerente ao ato cirúrgico.

Algumas IH são evitáveis ou preveníveis. As infecções preveníveis são aquelas que se pode interferir em sua cadeia de transmissão, sua interrupção pode ser realizada através de medidas reconhecidamente eficazes, como a lavagens das mãos, processamento de artigos e superfícies, utilização de equipamentos de proteção individual e observação de medidas de assepsia (Paiva, 2003, apud Mourão o *et al.*, 2020). As infecções não preveníveis são aquelas que ocorrem independente de todas as precauções adotadas, como por exemplo em pacientes imunologicamente comprometidos, originários a partir de sua microbiota bacteriana (Andrade, 2000 apud Mourão *et al.*, 2023).

Diversos microrganismos podem causar infecção hospitalar, entretanto, as bactérias constituem o grupo que possui maior destaque nesta problemática (Araújo, 2023). Durante o tempo do paciente no hospital, vários aspectos podem influenciar na ocorrência da infecção hospitalar, como a queda da defesa do sistema imunológico, que pode ocorrer tanto pela patologia quanto pelo uso de medicamentos, execução de procedimentos invasivos, que quebram a barreira de proteção da pele, desequilíbrio da flora bacteriana da pele e do organismo, e muito tempo de internação (VDB Saúde, 2023).

5.1 Fatores Que Dificultam a Efetivação de Medidas de Prevenção e Controle

Muitos obstáculos contribuem para uma atuação ineficaz dos serviços de controle de infecção, tendo como consequência altos índices de infecção hospitalar. Algumas das dificuldades enfrentadas na prevenção e combate das infecções hospitalares é a baixa adesão dos próprios profissionais da saúde às medidas de precaução padrão e protocolos de higienização de mãos, uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPI), dificuldades de comunicação entre profissionais da CCIH e demais trabalhadores da saúde, os profissionais assistenciais muitas das vezes consideram-nos apenas como burocratas, o que reflete na baixa adesão das normas propostas, estrutura física, organizacional e humana do serviço, desafios estruturais como apoio insuficiente da gestão hospitalar, a falta de insumos em setores assistências e número reduzido de profissionais, acabam dificultando a execução de medidas efetivas de prevenção e controle de infecção hospitalar (Santos, *et al.*, 2022).

Nesta perspectiva, os desafios para o controle de infecção envolve estrutura organizacional que inclui políticas governamentais, institucionais e administrativas, relações interpessoais e intersetoriais no trabalho e normatização do serviço, batalha biológica com o surgimento de novos microrganismos e a ressurgência de outros, bem como a resistência aos antimicrobianos, falta de conscientização dos profissionais, baixa adesão às medidas de controle, e ao comprometimento com o serviço ao paciente (Bordignon et al., 2020).

6 ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NA PRÁTICA ASSISTENCIAL DE PREVENÇÃO E CONTROLE DE INFECÇÃO HOSPITALAR

O controle das Infecções Hospitalares se refere aos parâmetros da qualidade de cuidar do outro, obedecendo as regras básicas do cuidado e monitoramento dos materiais utilizados para com o paciente. Para isso é preciso que seja avaliado a organização hospitalar, a assistência e a clientela, bem como, os aspectos relacionados a infraestrutura (Costa; Santana., 2023).

Os enfermeiros prestam serviços importantes aos pacientes, acompanhando sua evolução nas unidades de saúde, devem ter conhecimentos sobre os microrganismos responsáveis pelas infecções hospitalares e meios de inibir sua propagação, contribuindo para o cuidado com os mesmos (Cardoso et al., 2022). Porém, manter as IH sob controle é um desafio permanente, os profissionais partem para uma batalha, muitas vezes solitária de algo que não é somente sua responsabilidade (Ferreira, 2021).

O papel do enfermeiro, se tratando de infecção hospitalar, é verificar se os procedimentos e os cuidados estão sendo realizados com eficiência, visto que para prevenção e controle é necessário cumprir medidas e protocolos, onde inclui segurança, higiene, treinamento e capacitação da equipe, visando tanto a saúde individual quanto a coletiva (Rocha, 2022).

Os cuidados preventivos são uma forma eficiente e segura de reorganizar os processos de trabalho, garantidos através da promoção da saúde. A enfermagem, como profissão, deve ter conhecimento e segurança para trabalhar com ações de prevenção, progressão da saúde e informação, contribuindo para a autonomia do paciente, corresponsabilidade no trabalho, evitando danos e riscos à saúde da população (Silva, 2020).

A prevenção é uma ferramenta conhecida na prática do enfermeiro, para isso, é necessário que o profissional apresente um embasamento científico muito amplo, no qual deve

ter conhecimento sobre as causas das infecções, os impactos diretos e indiretos no cuidado, as implicações para o campo de atuação e instituição (Bordignon *et al.*, 2020).

Corroborando com isso, Cavalcante *et al.* (2021), afirmam que o profissional de enfermagem é fundamental para a conscientização e adesão da equipe para o uso regular de EPI e higiene das mãos durante o tratamento de doentes, o que pode reduzir significativamente e quebrar a propagação das infecções causada por microrganismos de contato, destacando também sua atuação através da educação contínua como a medida eficaz para melhorar a utilização racional de antibióticos e a prática de técnicas assépticas, especialmente quando se trata de organismos multirresistentes, melhorando também o cumprimento das regras de biossegurança recomendadas pelo Ministério da Saúde por parte do pessoal de serviço.

A prevenção e o controle de infecção são um campo de conhecimento baseado em evidências, sua prática deve ser compreendida e implementada seguindo princípios padronizados fundamentados na ciência. Portanto, as variáveis estruturais do enfermeiro, no que se refere a sua formação, suas habilidades, experiências profissionais e tempo de serviço, são essências na prática profissional, no processo de melhoria contínua no controle da infecção, consequentemente os resultados alcançados beneficiará os pacientes, familiares, segurança dos profissionais de saúde e qualidade assistencial (Ferreira *et al.*, 2021, p. 22).

A partir desta revisão, foi possível entender que o conhecimento do enfermeiro e a assistência da equipe de enfermagem são essências para a prevenção e controle das infecções hospitalares de forma eficiente, visto que o enfermeiro responsável é associado diretamente a esse controle. Por fim, a educação permanente é uma proposta de intervenção fundamental na capacitação e qualificação dos profissionais de saúde, dando subsídios que levam à conscientização das necessidades reais de saúde e propiciam a mudança das práticas assistenciais, favorecendo o atendimento de qualidade, possibilitando realizar com segurança os procedimentos e também o crescimento, tanto do profissional quanto da organização de saúde (Porto *et al.*, 2019, p.3356).

7 PROGRAMA DE CONTROLE DE INFECÇÃO HOSPITALAR

Segundo Alvim *et al.*, (2020), a qualidade em saúde tem buscado atender as necessidades do paciente de forma efetiva, proporcionado um cuidado seguro. Nos serviços de saúde, a busca pela avaliação tem como objetivo prestar cuidados melhores, garantindo a

segurança do paciente. Entre vários agravos que afetam a qualidade do cuidado que impacta diretamente na segurança do paciente destacam-se as infecções hospitalares. Umas das estratégias para redução das infecções e promoção das ações de prevenção e controle desses agravos refere-se à criação dos Programas de Controle de Infecção Hospitalar (PCIH).

O programa de Controle de Infecção Hospitalar (PCIH), entrou em vigor em 1983, através da Portaria MS nº 196/83, que foi substituído pela Portaria MS nº 930/92, mas atualmente encontra-se em vigor pela Portaria nº 2616 de 12 de maio de 1998. O Programa de Controle de Infecção Hospitalar (PCIH), é um conjunto de ações desenvolvidas, deliberadas e sistematicamente, com vistas a redução máxima possível da incidência e da gravidade das Infecções Hospitalares (Brasil 1998). A finalidade da (PCIH), é nortear as ações a serem desenvolvidas pelas CCIH das unidades de assistência à saúde (Guimaraes et al., 2021, p.71107).

Para a adequação do Programa de Controle de Infecção Hospitalar, deverão constituir a Comissão de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH), órgão de assessoria e autoridade máxima da instituição, e de execução das ações de controle de Infecção Hospitalar (Brasil, 1998).

A CCIH é uma comissão constituída por diversos profissionais da área da saúde (Ferraz et al., 2024). Abaixo as ações que são desenvolvidas pela comissão:

Elaborar, implementar e monitorar o Programa Prevenção e Controle das IH; Implantar um Sistema de Vigilância Epidemiológica para monitoramento das IH; Implementar e supervisionar normas e rotinas, visando à prevenção e ao controle das IH; Promover capacitações do quadro de profissionais da instituição, no que diz respeito à prevenção e ao controle das IH, através de Educação Continuada; Participar, em cooperação com a Comissão de Farmácia e Terapêutica, da elaboração de políticas de utilização de antimicrobianos, saneantes e materiais médico-hospitalares, contribuindo para o uso racional destes insumos; Realizar investigação epidemiológica de surtos e implantar medidas imediatas de controle e contenção; Elaborar, implementar e supervisionar normas e rotinas com o objetivo de evitar a disseminação de germes hospitalares, por meio de medidas de isolamento e contenção; Elaborar, implementar, divulgar e monitorar normas e rotinas visando ao tratamento adequado das IH; Elaborar e divulgar, periodicamente, relatórios dirigidos à autoridade máxima da instituição e às chefias dos serviços, contendo informações sobre a situação das IH na instituição. (Brasil portaria 2616/98).

Segundo o Ministério da Saúde, através da portaria 2616/98, a Comissão de Controle de Infecção Hospitalar deverá ser composta por profissionais da área da saúde de nível superior, formalmente designados. A comissão é dividida em dois grupos: consultores e executores. Sendo os membros consultores representados por profissionais do serviço médico, enfermagem, farmácia, laboratório de microbiologia e administração. Já os membros

executores, representam a comissão, sendo assim, ficam responsáveis por colocarem em práticas as ações do programa.

Um dos membros executores deve ser, referencialmente um enfermeiro (Brasil, 1988). A atuação do enfermeiro da CCIH é de grande importância, pois este tem a responsabilidade em suas ações em atentar-se, não só diretamente ao paciente, mas também para outros profissionais de outras áreas envolvidos no cuidado, tendo que averiguar as corretas ações, pois estes fiscalizam rotineiramente e em todos os setores, o desenvolvimento do trabalho dos profissionais da saúde, elabora e atualiza os procedimentos padrão, realiza vigilância epidemiológica, dentre outras funções (Ferreira, 2021. p.6084).

Para Silva (2021), a Vigilância Epidemiológica é um dos pontos centrais da atuação da CCIH, pois através desta, se faz possível obter taxas que permitam conhecer a realidade epidemiológica e a determinação de parâmetros aceitáveis. Avaliar a eficácia e a efetividade das medidas de prevenção aplicada, além de determinar as áreas, situações e serviços que merecem especial atuação por parte da CCIH, avaliando fatores que podem ser associados ao aumento ou diminuição das ocorrências estudadas, bem como a divulgação de informações pertinentes.

8 MEDIDAS GERAIS DE PREVENÇÃO E CONTROLE DE INFECÇÃO HOSPITALAR

Diversas estratégias podem ser adotadas pelos hospitais para prevenir e combater a Infecção Hospitalar. Segundo a portaria N. 2616 de 12 de maio de 1998, uma das medidas mais importantes é a higienização adequada das mãos, tornando esse hábito parte da rotina dos profissionais de saúde e visitantes. A lavagem correta das mãos consiste na fricção vigorosa de toda a superfície das mãos e punhos, com o uso de sabão/detergente, seguida de enxágue. Essa prática é essencial para controlar e prevenir infecções hospitalares, sendo recomendada várias vezes ao dia (Brasil 1998).

Hoyashi *et al* (2018), ressaltam a relevância das orientações para os acompanhantes pelos enfermeiros, enfatizando os cuidados com a assepsia, o que contribui significativamente para a redução da disseminação de infecções. Assim como a equipe de saúde, os familiares estão em constante contato com o paciente, podendo também desencadear uma infecção cruzada. A realização de procedimentos invasivos deve ser reservada para situações de extrema necessidade e, quando realizada, deve seguir as melhores práticas de assepsia. A aplicação da

Sistematização da Assistência de Enfermagem é essencial para identificar e prevenir riscos, bem como intervir de forma oportuna para minimizar eventos adversos relacionados aos procedimentos.

Outras recomendações utilizadas na prevenção e controle de infecções é a realização dos procedimentos invasivos serem realizados somente por enfermeiros, usar protocolos para realização de curativos, instituição de manuais que contemplam rotinas de higienização de materiais, equipamentos e instalações da instituição hospitalar. É necessário destacar a capacitação dos profissionais de saúde na utilização de precauções padrões e universais, enfocando o uso correto de luvas e capotes, assim como o uso de antissépticos para higienização das mãos em procedimentos médicos e de enfermagem (Hoyashi *et al.*, 2018).

Através da CCIH, é possível identificar estatisticamente os tipos de infecções e os agentes patogênicos, com os relatórios mensais, é possível também realizar o monitoramento do problema. A parceria entre administradores das instituições de saúde que provêm de materiais de qualidade e a adesão dos profissionais ao cumprimento de normas e procedimentos técnicos, poderão minimizar os índices de infecções. A atualização dos Manuais de Normas e Rotinas e/ou Protocolos nas instituições de saúde deve ser uma prática cotidiana, e expressar atualização e aprofundamento das temáticas de controle de infecções, além de seguir recomendações da ANVISA e manter a assistência à saúde dentro do padrão esperado de qualidade assistencial (Santos., *et al*, 2022).

Segundo Cunha *et al.* (2017), dez práticas podem ser adotadas para diminuir os riscos de infecção hospitalar que são; de preferência lavar as mãos com água e sabão ou higienizá-las com álcool gel antes de qualquer procedimento; usar luvas, aventais e máscaras durante os procedimentos que envolvam contato com material biológico; não utilizar aventais ou jalecos fora do hospital; esterilizar corretamente instrumentos (como os de vídeo) e locais de cirurgia, quartos e qualquer material utilizado que não seja descartável; não utilizar o mesmo pano de chão em diferentes locais; evitar a superlotação que coloca pacientes infectados em contato direto com não infectados; trocar constantemente a roupa de cama e dar banho em pacientes sempre que necessário; ministrar antibióticos apenas quando necessário; manejear e armazenar corretamente o lixo hospitalar; registrar e reportar casos de infecção, assim como procedimentos que não seguiram o protocolo e que podem resultar em contaminação.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As infecções hospitalares representam um desafio para a saúde pública e privada, o que demanda uma abordagem rigorosa e multidisciplinar para sua prevenção, nesse contexto o enfermeiro desempenha um papel crucial, sendo a primeira linha na defesa da promoção de práticas seguras e eficazes.

Em sua prática assistencial, o enfermeiro deve estar sempre atualizado sobre as diretrizes e protocolos adotados pela instituição relacionada à prevenção de infecção, realizar educação continuada juntamente com sua equipe e a conscientização dos pacientes sobre a importância da prevenção, o que reforça seu papel como líder na promoção da segurança do paciente. Sua atuação vai além das técnicas e protocolos, envolve a construção de um ambiente hospitalar mais seguro, através de sua observação atenta do cuidado individualizado e da comunicação efetiva, é possível identificar potenciais riscos de infecções e implementar intervenções que mitigam esse risco e melhoram a qualidade do atendimento.

É necessário destacar que para que essa prevenção ocorra deve haver a colaboração da equipe multidisciplinar, o enfermeiro deve trabalhar em conjunto com a equipe de enfermagem, médicos, farmacêuticos, fisioterapeutas e outros profissionais da saúde que estão envolvidos nos cuidados ao paciente, sempre com o foco de desenvolver e implementar estratégias integradas de controle de infecção, visando a melhoria contínua dos processos de cuidado.

A pesquisa buscou analisar a atuação do enfermeiro na prevenção de infecção hospitalar, bem como descreveu os conceitos de infecção hospitalar, abordou as principais medidas que devem ser adotadas com intuito de prevenir e controlar as infecções hospitalares, além do mais, compreendeu os fatores que dificultam a efetivação de medidas de prevenção.

A partir desse estudo, foi possível observar a importância do enfermeiro na prevenção e controle de infecção hospitalar, onde o mesmo pode atuar na assistência direta ao paciente e como líder de equipe, ou fazendo parte dos programas voltados a essa prevenção como por exemplo sendo membro da equipe da CCIH. Em resumo, o enfermeiro é uma peça chave na prevenção e combate das infecções hospitalares, e sua atuação proativa e informada leva a diferença significativa na saúde e bem-estar dos pacientes, contribuindo para um ambiente hospitalar eficaz e seguro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, F. R. et al. **The health care management by nurses from the hospital infection control service in light of the Nursing Role Effectiveness Model.** Contribuciones a las ciencias sociales, v. 17, n. 2, p. e5257-e5257, 2024. Acesso em: 25 de maio de 2024

ALVES, A. N. F., Duartes, C. A., de Paula, M. P., de Moraes, R. E., & Coutinho, R. M. C. **Conhecimento da enfermagem na prevenção de infecção hospitalar** Knowledge of the nursing in the prevention of hospital infection. *Rev Inst Ciênc Saúde*, 2007.

ALVIM, A. L. S. Couto, B. R. G M; Gazzinelli, A. **Qualidade dos programas de controle de infecção hospitalar: revisão integrativa.** Revista Gaúcha de Enfermagem, v. 41, p. e20190360, 2020. Acesso em 22 de maio de 2024

ANDRADE, H. G. G. et al. **Segurança do paciente e as infecções relacionadas à assistência à saúde: uma revisão da literatura.** Brazilian Journal of Health Review, v. 4, n. 2, p. 4357-4365, 2021.

ARAUJO, T. O. et al. **Agentes patogênicos e fatores de risco para infecções relacionadas à assistência à saúde em ambiente hospitalar: revisão integrativa da literatura.** /Tainá Oliveira de Araújo. 2023.

AZEVEDO, D. T. et al. **A importância da enfermagem no controle das infecções hospitalares: uma revisão.** Revista Saúde Dos Vales, v. 1, n. 1, p. 328-342, 2019. Acesso em: 24 de maio de 2024.

BARBOSA, S.L. **O papel do enfermeiro na prevenção de infecção hospitalar em pacientes hospitalizados nas Unidades de Terapia Intensiva**, 2018.

Cunha, E. B., & Cohen, J. V. F. B. **Aspectos relevantes da prevenção e controle de infecções hospitalares.** Saber Científico 2021.

BEZERRA, I. **Conhecimento dos profissionais enfermeiros e médicos da Unidade de Terapia Intensiva acerca da sepse**, 2018.

BORDIGNON, R. P. et al. **Saberes e práticas de enfermeiros intensivistas no controle da Infecção Hospitalar.** Research, Society and Development, v. 9, n. 7, p. e327974094-e327974094, 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria N. 2.616, de 12 de maio de 1998. Dispõe sobre diretrizes e normas para a prevenção e o controle das infecções hospitalares.** Brasília; 1998.

COSTA, S, G., da Silva Santos, K. E., da Silva, L. B., Mendes, J. R., Viana, M. R. P., & de Brito Cardoso, S. **Medidas preventivas de pneumonia associada à ventilação mecânica.** *Research, Society and Development*, 2021.

CARDOSO, E. R. et al. **Atuação do Enfermeiro na Prevenção e Controle da Infecção Hospitalar.** Epitaya E-books, v. 1, n. 12, p. 314-329, 2022.

CASTRO, V. G. et al. **Comissão de Controle de Infecção Hospitalar: Avaliação da Entrega da Documentação à Vigilância Sanitária Hospitalar** *Infection Control Committee: Evaluation of Delivery of Documents to the Sanitary Surveillance*. Brazilian Journal of Development, v. 7, n. 7, p. 71105-71118, 2021.

CAVALCANTE, R. F. et al. **The role of PPE and hand hygiene in the control of hospital infections**. Revista de Enfermagem Contemporânea, v. 10, n. 2, p. 150-157, 2021.

COSTA, A. K. S. SANTANA, Juliane. **O desafio do enfermeiro em frente ao controle de Infecções Hospitalares**. Facit Business and Technology Journal, v. 1, n. 44, 2023.

FERRAZ, S. V. D. C. et al. **Manual da CCIH: Orientações para prevenção, controle e tratamento das Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde (IRAS) no âmbito hospitalar**. 2024.

FERREIRA, V. L. P. **Atuação do enfermeiro no controle de infecção hospitalar e segurança do paciente**. Saúde Coletiva (Barueri), v. 11, n. 65, p. 6080-6089, 2021.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social / A. C. G. - 6. ed. -** São Paulo: Atlas, 2008.

HOYASHI, C. M. T. et al. **Prevenção e Controle de Infecções Relacionadas a Assistência à Saúde: Fatores Extrínsecos ao Paciente**, HU revista, Juiz de Fora, v. 43, n. 3. 2017.

MOURÃO, M. D. F. R C D. R. **Ações de prevenção e controle de infecção em hospitais**. Brazilian Journal of Development, v. 6, n. 6, p. 38406-38417, 2020.

OLIVEIRA, T. C., de Oliveira Pinto, K. C., & de Souza, P. R. **Medidas de prevenção e controle de infecção associadas ao uso de cateter venoso periférico e central**, 2021.

PEREIRA, M. S. et al. **A infecção hospitalar e suas implicações para o cuidar da enfermagem**. Texto & Contexto-Enfermagem, v. 14, p. 250-257, 2005.

PORTE, M. A. D. O. P. et al. **Educação permanente em saúde: Estratégia de prevenção e controle de infecção hospitalar**. Nursing (São Paulo), v. 22, n. 258, p. 3348-3356, 2019.

RÊGO, T. C. R. SANTANA, F. F; PASSOS, M. A. N. **Atuação da enfermagem no controle da infecção hospitalar por bactérias multirresistentes: uma revisão bibliográfica**. Revista JRG de Estudos Acadêmicos, v. 6, n. 13, p. 121-133, 2023.

ROCHA, F. O. **Atuação do Enfermeiro no Controle e Prevenção da Infecção Hospitalar**. Repositório de Trabalhos de Conclusão de Curso, 2022.

RODRIGUES, A. de S. **Metodologia Científica: Diretrizes para a Elaboração de Trabalhos Acadêmicos**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

SANTANA, M. V. S., & da Silva, C. A. **Ações de enfermagem frente à prevenção de infecções relacionadas à assistência à saúde em idosos.** *Diversitas Journal*, 2020.

SANTOS, A. M. D., da SILVA, L. M., FERREIRA, A. N. B., CAVALCANTE, C. A. A., & de Oliveira CAVALCANTE, E. F. Capítulo 5 **Processo de Trabalho dos Profissionais Controladores de Infecção e os Desafios Enfrentados na Prevenção das Infecções.** *Enfermagem: os desafios do novo cenário*, 89, 2022.

SERRANO, F. **Infecção Hospitalar, uma história de desafios.** *Revista Brasileira de Medicina*, vol. 25, n. 2, p. 55-60, 2018.

SILVA, C. G. et al. **Infecção Hospitalar Relacionada à Assistência de Enfermagem: Uma Revisão Integrativa**, 2021. Acesso em: 25 de maio de 2024

SILVA M, A et al. **Iatrogenias em enfermagem e infecção hospitalar: como prevenir e garantir a segurança do paciente?** *Brazilian Journal of Health Review*, v. 3, n. 3, p. 6141-6156, 2020.

SILVA, A. S, B. & S. C. **Desafios para o controle de infecção associados à atuação dos enfermeiros.** *Revista Brasileira de Enfermagem*, 2019.

SILVA, P. S., Silva, T. R., Hoyashi, C. M. T., & da Silva Pereira, R. M. **Prevenção e controle de infecções relacionadas a assistência à saúde: fatores extrínsecos ao paciente.** 2017.

SOUSA, A. S. D. O. Guilherme. S. A, Laís. H. **A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos.** *Cadernos da FUCAMP*, v. 20, n. 43, 2021.

SANTOS, É. G. **A responsabilidade civil em casos de infecção hospitalar**, 2022.

VDB S. **Quais as principais causas de infecção hospitalar e como evitar a contaminação?** 2023. Disponível em:< <https://blogsaude.volkdobrasil.com.br/principais-causas-de-infeccao-hospitalar/>>. Acesso no dia 29 de maio de 2024.